Os Seis Dias do Renascimento

Maike Cabral

Os Seis Dias do Renascimento: Uma Paródia da Criação Divina

Maike Cabral

A Inversão da Ordem e a Gênese de um Novo Mundo

A história do Ocidente, conforme compreendemos, é marcada por uma série de rupturas que, desde a Renascença, a Reforma e as Revoluções, desmantelaram progressivamente a ordem cristã tradicional. E para melhor ilustrarmos a natureza do processo, propomos uma analogia simbólica um tanto quanto irônica, mas veraz: a do **Renascimento como uma paródia dos Seis Dias da Criação Divina**. Longe de ser uma mera coincidência temporal, essa interpretação busca iluminar a natureza intrínseca das transformações renascentistas, não somente como um renascimento puro e simples dos engenhos literários e artísticos da antiguidade clássica, mas também, como uma **recriação do mundo à imagem e semelhança do homem**, em oposição à criação original divina. É a gênese de um mundo onde a centralidade de Deus cede lugar à centralidade do humano, e onde a ordem transcendente é substituída por uma ordem imanente construída e moldada pelas mãos do homem, pensada e louvada pela sua razão.

Na tradição católica, os Seis Dias da Criação representam a instauração de uma ordem cósmica perfeita, onde cada elemento é chamado à existência pela Palavra divina e posicionado em uma hierarquia harmoniosa. A luz é separada das trevas, o firmamento das águas, a terra emerge e se reveste de vida, os luminares celestes marcam o tempo, as criaturas povoadoras preenchem os domínios, e, finalmente, o homem é criado à imagem e semelhança de Deus, como coroa da criação e guardião da ordem estabelecida. Essa narrativa além de ser um relato cosmogônico é, acima de tudo, um modelo teológico e metafísico que informou a mente e o corpo da civilização medieval, conferindo sentido, propósito e hierarquia a todas as esferas da existência [1].

O Renascimento, contudo, emerge de um contexto de profunda crise e decadência da Idade Média, conforme veremos. As sementes de uma nova visão de mundo foram lançadas em um solo fértil de instabilidade e questionamento. A decadência do ensino escolástico, o

nominalismo filosófico, a devastação da Peste Negra, a crise do papado e a instabilidade política criaram um vácuo de autoridade e um profundo senso de desorientação. É nesse cenário que a analogia dos "Seis Dias do Renascimento" se torna particularmente potente. Cada "dia" renascentista representa uma etapa na construção de uma nova ordem, uma ordem que, embora se apresente como um renascimento, é, em sua essência, uma inversão, uma paródia da criação divina – um *perecimento*.

Este breve texto explorará, passo a passo, essa analogia, demonstrando como cada "dia" do Renascimento corresponde a uma corrupção ou a uma reinterpretação humanista de um dos dias da criação divina. Veremos como a luz do conhecimento se torna sombria; como a separação entre o céu e a terra é subvertida pela ambição humana; como a terra se torna objeto de puro egoísmo; como o senso de orientação é perdido; como novos e perniciosos domínios são estabelecidos; e, finalmente, como um "novo homem" é forjado, não mais à imagem de Deus, mas à imagem de si mesmo.

O Contexto da Recriação: A Crise do Século XIV

Antes de adentrarmos nos "Seis Dias do Renascimento", é crucial compreendermos o cenário de desintegração que tornou essa "recriação" possível. O século XIV, como muitos concordam, foi um período de calamidades sem precedentes que abalaram os alicerces da cristandade medieval [2].

• **A Decadência do Ensino e o Nominalismo:** A escolástica, que atingira seu ápice com Santo Tomás de Aquino, entrou em um período de declínio. O nominalismo, popularizado por Guilherme de Ockham, ao negar a existência de universais, minou a capacidade da razão de conhecer a essência das coisas e, consequentemente, de se elevar a Deus através da criação. A separação entre fé e razão se aprofundou, criando um vácuo intelectual que seria preenchido pelo humanismo.

• **A Peste Negra:** A pandemia que dizimou cerca de um terço da população europeia não foi apenas uma catástrofe demográfica, foi, sobretudo, uma crise espiritual. A morte em massa, a aparente impotência da Igreja e a desorganização social levaram a um profundo questionamento da ordem divina e a um rebaixamento do nível moral e cultural do povo.

• **A Crise do Papado e a Instabilidade Política:** O Cisma do Ocidente, o imbróglio de múltiplos papas e as constantes guerras entre reinos e cidades-estado, erodiram a autoridade tanto espiritual quanto temporal, gerando um ambiente de incerteza e oportunismo.

É nesse mundo em ruínas que o Renascimento se ergue, não como uma continuação orgânica da Idade Média, mas como campo em ruínas, fértil o suficiente para um projeto de reconstrução surgir como tentativa de criar um novo mundo a partir dos escombros do antigo. E é aqui que nossa analogia dos "Seis Dias" se torna possível.

O Primeiro Dia: A Luz Sombria do Conhecimento

> ***Criação Divina:*** *"Deus disse: 'Haja luz'. E houve luz. E Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas." (Gênesis 1:3-4)*

No primeiro dia da Criação, Deus estabelece o princípio fundamental da ordem: a **distinção**. A luz, símbolo do conhecimento, da verdade e do ser, é separada das trevas, símbolo da ignorância, do caos e do nada. Essa distinção é a condição de possibilidade para todo o conhecimento verdadeiro, que consiste em ver as coisas como elas são, em sua essência, iluminadas pela luz divina.

> ***Paródia Renascentista:*** *No Renascimento, o princípio da distinção e da ordem é perturbado. Uma sombra é lançada sobre a luz do conhecimento, e a pureza da sabedoria se perde. O humanismo, ao mesmo tempo em que promove um grande avanço nas artes e nas letras, introduz um novo tipo de luz: a luz da razão humana autônoma, que se pretende autossuficiente e independente da revelação divina. A redescoberta de textos antigos, incluindo os de correntes esotéricas e herméticas, traz à tona uma multiplicidade de "luzes" que competem com a luz única da fé cristã.*

O conhecimento deixa de ser primariamente um caminho para a contemplação de Deus e se torna um instrumento de poder e dominação sobre o mundo. A *curiositas*, antes vista como um vício, é elevada à categoria de virtude. O homem renascentista, fascinado por sua própria

capacidade de conhecer e criar, começa a ofuscar a luz divina com a sua própria. A distinção clara entre a luz da verdade e as trevas do erro se torna turva, e o conhecimento, agora desvinculado de seu fundamento transcendente, abre as portas para o relativismo e o subjetivismo que marcarão a modernidade. A luz do Renascimento é, portanto, uma luz sombria, uma luz que ao invés de revelar a ordem divina a oculta, sob o pretenso brilho da glória humana.

O Segundo Dia: A Ambição Desmedida e a Separação entre Céu e Terra

> ***Criação Divina:*** *"Deus disse: 'Faça-se um firmamento no meio das águas, e separe ele umas das outras'. E Deus fez o firmamento, e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam por cima. E assim se fez. E Deus chamou ao firmamento Céu." (Gênesis 1:6-8)*

No segundo dia, Deus estabelece um **limite**. O firmamento separa as águas superiores (o domínio do transcendente, do espiritual) das águas inferiores (o domínio do imanente, do material). Essa separação não é uma oposição, é uma hierarquia. O Céu é o limite que orienta o homem, lembrando-o de sua condição de criatura e de sua vocação para o alto. A sabedoria consiste em reconhecer esse limite e em viver em harmonia com a ordem estabelecida, buscando nela a santidade e a união com Deus.

> ***Paródia Renascentista:*** *No Renascimento, esse limite é desafiado e transgredido. A palavra humana, através da filosofia, da ciência e da arte, busca criar seu próprio "firmamento", um desequilíbrio gerado pelo desejo de dominação através do conhecimento. A preferência pela iniciação esotérica e pela ciência, em detrimento da santidade e da sabedoria, se torna evidente. A razão e a fé, que na Idade Média estavam unidas na busca pela verdade, começam a se separar de forma antagônica.*

O homem renascentista em sua ambição desmedida busca romper o firmamento, não para se elevar a Deus, mas para trazer o Céu à Terra e construir um paraíso imanente através de suas próprias forças. O ideal do "homem universal" de Leonardo da Vinci, que domina todas as

áreas do saber, é um símbolo dessa tentativa de abarcar o infinito, de se tornar o centro e a medida de todas as coisas. A separação hierárquica entre o Céu e a Terra é substituída por uma confusão onde o homem se coloca no lugar de Deus e busca redefinir os limites da existência. A ciência, desvinculada da teologia, torna-se um instrumento para a manipulação da natureza (se tornando escrava da magia), e a busca pelo poder substitui a busca pela santidade. O equilíbrio é rompido, e a semente da revolução científica – ama do secularismo moderno - é plantada.

O Terceiro Dia: A Terra como Objeto de Egoísmo e a Perda da Generosidade

> ***Criação Divina:*** *"Deus disse: 'Que as águas que estão debaixo do céu se ajuntem num só lugar, e apareça o elemento árido'. E assim se fez. E Deus chamou ao elemento árido Terra... E disse: 'Produza a terra relva, ervas que deem semente, e árvores frutíferas que deem fruto segundo a sua espécie...' E a terra produziu relva, ervas que davam semente segundo a sua espécie, e árvores que davam fruto... E Deus viu que isso era bom." (Gênesis 1:9-12)*

No terceiro dia, a terra emerge das águas e se torna um ambiente fértil e generoso, um jardim que provê sustento e beleza. A criação da vida vegetal representa a **generosidade** de Deus, que oferece gratuitamente os frutos da terra para o bem de suas criaturas. A terra é um dom, um lugar de abundância que reflete a bondade do Criador.

> ***Paródia Renascentista:*** *No Renascimento a relação do homem com a terra se transforma radicalmente. O elemento árido, que na Criação se torna o prodígio da vida, torna-se, em muitos aspectos, o suplício da morte. O cultivo de um novo conhecimento sobre o ambiente natural, impulsionado pelas grandes navegações e pela exploração de novos continentes, não leva a uma maior gratidão pela generosidade divina, mas a uma cobiça desenfreada. O excedente passa a preceder a carestia. As guerras pelo controle de terras e rotas comerciais, o esgotamento do solo em busca de lucro rápido e a fome resultante revelam uma nova atitude em relação à natureza.*

As novas formas de comunicação e comércio, embora trouxessem prosperidade para alguns, trouxeram a miséria para maioria enquanto intensificavam a competição e o egoísmo. A terra deixa de ser vista como um dom a ser compartilhado e se torna um recurso a ser explorado e dominado. A generosidade original da criação se esvai em meio ao caos humano, o egoísmo pela posse da terra e de suas riquezas se torna a força motriz da nova economia mercantilista. O homem renascentista, em geral, ao invés de ser o guardião do jardim torna-se seu explorador e, muitas vezes, seu destruidor. A harmonia entre o homem e a natureza é rompida, e a terra se torna palco de conflitos e exploração. É onde a usura venceu o bem comum.

O Quarto Dia: A Perda do Senso de Orientação e a Queda dos Luminares

> ***Criação Divina:*** *"Deus disse: 'Façam-se luzeiros no firmamento do céu, para separar o dia da noite; que sirvam eles de sinais e marquem as épocas, os dias e os anos, e brilhem no firmamento do céu para iluminar a terra'. E assim se fez. Deus fez os dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia, e o menor para presidir à noite; e fez também as estrelas." (Gênesis 1:14-16)*

No quarto dia, Deus cria os luminares celestes – o sol, a lua e as estrelas – para marcar o tempo, orientar e iluminar. Eles são os guardiões do ritmo e da ordem, os sinais visíveis da constância e da fidelidade de Deus. Na civilização medieval, essa ordem celeste se refletia na ordem terrestre: as instituições (a Igreja e o Império), a hierarquia social e os sistemas de conhecimento eram os "luminares" que davam ao homem um senso de **orientação**, segurança e propósito. O calendário litúrgico, que marcava o ritmo da vida, era um reflexo terreno do ritmo cósmico estabelecido por Deus.

> ***Paródia Renascentista:*** *No Renascimento, tudo o que marcava a segurança e o senso de orientação da civilização medieval é abalado. Os "luminares" que guiavam o homem medieval começam a se apagar. A queda do ensino, com o nominalismo minando a certeza do conhecimento; a crise da Igreja, com o Cisma do Ocidente; e a devastação da Peste*

> *Negra desalojam o grande contingente medieval das bases que constituíam seu senso de garantia vital, de ritmo e de forma.*

O homem renascentista se encontra em um mundo sem bússola, onde as antigas certezas foram destruídas. A hierarquia social é questionada, as instituições tradicionais perdem sua autoridade e o sistema de conhecimento se fragmenta. A busca por uma nova orientação leva à exploração de novas filosofias, à redescoberta da astrologia e da magia, enfim, de uma confiança crescente na capacidade humana de criar seus próprios "luminares". A invenção da bússola que permite a navegação em mar aberto, é um símbolo dessa nova era: o homem não precisa mais se guiar pelas estrelas fixas da tradição, ele pode criar seus próprios instrumentos de orientação. No entanto, essa nova liberdade vem acompanhada de uma profunda desorientação existencial. Sem os luminares divinos (em certo sentido, a ortodoxia), o homem renascentista se lança em uma jornada incerta, guiado apenas por sua própria vontade e ambição.

O Quinto Dia: A Criação de Novos Domínios e a Ascensão do Estado Moderno

> ***Criação Divina:*** *"Deus disse: 'Povoem-se as águas de seres vivos, e voem as aves sobre a terra, debaixo do firmamento do céu'. E Deus criou as grandes baleias, e todos os seres vivos que se movem e povoam as águas, segundo as suas espécies; e todas as aves, segundo a sua espécie. E Deus viu que isso era bom. E Deus os abençoou, dizendo: 'Crescei e multiplicai-vos, e enchei as águas do mar; e as aves se multipliquem sobre a terra'." (Gênesis 1:20-22)*

No quinto dia, Deus cria os seres que povoarão os domínios das águas e dos céus. Ele estabelece uma ordem na **diversidade**, onde cada criatura tem seu lugar e sua função. Os peixes e as aves representam os diferentes domínios da criação e a autoridade de Deus sobre eles. Na ordem medieval, essa diversidade de domínios se refletia na pluralidade de poderes locais (feudos, corporações de ofício, cidades livres), todos, em teoria, submetidos à autoridade universal da Igreja em consonância com o Império.

> ***Paródia Renascentista:*** *Instaurada a crise e a desorientação do "quarto dia", surge a necessidade de uma solução. Novos sistemas políticos passam a se tornar os mantenedores da ordem pública e cultural. Novos domínios e formas de coesão tentam reestruturar o caráter antes perdido de "orientação geral". A resposta à fragmentação do poder medieval não é um retorno à unidade cristã, é a fatídica criação de uma nova forma de domínio: o* ***Estado moderno****.*

O Estado absolutista, centralizado e soberano, emerge como o novo "leviatã" que impõe a ordem através da força e da burocracia. Autores como Maquiavel, em "O Príncipe", oferecem a base teórica para esse novo poder, desvinculado da moral cristã e guiado unicamente pela *ragion di stato* [3]. Os novos "peixes e aves" são as instituições estatais, os exércitos nacionais e os sistemas de controle social que se multiplicam para preencher o vácuo de poder deixado pela crise da cristandade. A coesão social não é mais garantida pela fé comum, mas pela submissão a um poder centralizado. O domínio de Deus sobre a criação é parodiado pelo domínio do Estado sobre seus súditos. A diversidade de poderes locais é suprimida em nome da unidade nacional, tornando a política a arte de criar e manter o poder a qualquer custo.

O Sexto Dia: A Criação do Novo Homem e a Coroação da Paródia

> ***Criação Divina:*** *"Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra'. E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou." (Gênesis 1:26-27)*

O sexto dia é o ápice da criação divina. Deus cria o homem à sua imagem e semelhança, conferindo-lhe a dignidade de ser o seu representante na Terra, o guardião da criação. O homem é a coroa da obra divina, um ser dotado de razão e vontade livre, chamado a conhecer, amar e servir a Deus. A sua grandeza reside em sua semelhança com o Criador, em sua capacidade de **representação**.

> ***Paródia Renascentista:*** *No Renascimento, a cultura humanista, junto ao viés naturalista, estabelece as condições para a criação de uma nova faceta, uma nova personalidade, um* ***novo homem****. Este "novo homem" não é criado à imagem de Deus, mas à imagem do ideal antigo, greco-romano, que se revigora como uma direção futura. É a coroação da paródia, a criação de um homem que se vê como o centro do universo, o "homem vitruviano" de Leonardo, perfeitamente inscrito no círculo e no quadrado, símbolo de sua própria perfeição e centralidade. É um homem que não representa Deus, ao contrário, faz de Deus seu representante.*

O humanismo exalta a dignidade do homem, não por sua semelhança com Deus, mas por sua própria capacidade de criar, de conhecer e de se autodefinir. Pico della Mirandola, em sua "Oração sobre a Dignidade do Homem", coloca na boca de Deus as seguintes palavras dirigidas a Adão: "Não te demos, ó Adão, nem um lugar determinado, nem um aspecto próprio, nem qualquer prerrogativa só tua... Tu, sem constrição de nenhum limite, a definirás para ti mesmo, segundo o teu arbítrio... Poderás degenerar até às coisas inferiores, que são os brutos; poderás, segundo a tua vontade, regenerar-te até às coisas superiores, que são divinas" [4]. O homem passa a ser, assim, o seu próprio criador.

Este "novo homem" é o artista que rivaliza com Deus na criação da beleza; o cientista que desvenda os segredos da natureza para dominá-la; o príncipe que forja o seu próprio destino através da astúcia e da força. A criação do homem renascentista é a inversão final: o homem não é mais a imagem de Deus, pois agora Deus se torna uma projeção do homem. A paródia está completa. Um novo mundo foi criado, um mundo centrado no homem, que se lança na aventura da modernidade carregando consigo as sementes da sua própria grandeza – portanto, da sua própria tragédia.

O Legado dos Seis Dias do Renascimento

A analogia dos "Seis Dias do Renascimento" como uma paródia da criação divina nos permite compreender a profundidade da ruptura que ocorreu nesse período. Não se tratou de uma simples mudança de estilo artístico ou de uma redescoberta de textos antigos. Aquela foi uma verdadeira **revolução espiritual e metafísica** que alterou fundamentalmente a relação do homem com Deus, com o mundo e consigo mesmo. Cada "dia" dessa nova criação humanista

representou um passo na direção da autonomia do homem e do enfraquecimento da ordem transcendente.

O legado dessa paródia é a própria modernidade, com suas promessas de progresso, liberdade e autodeterminação, imersa em crises de sentido, de desorientação existencial e tendência à autodestruição. Isto porque ao se colocar no lugar de Deus o homem renascentista abriu uma caixa de Pandora, liberando forças que ele não seria capaz de controlar. A história dos séculos seguintes, com suas revoluções e ideologias, pode ser vista, agora, como o desdobramento lógico dessa inversão original.

Compreender o Renascimento conforme esta analogia é um convite à lucidez. É reconhecer que as raízes da crise contemporânea são profundas e que a redescoberta de uma ordem verdadeira passa, necessariamente, por uma crítica radical das falsas criações humanas e, principalmente, por um retorno à fonte original de toda a luz, de toda a ordem e de toda a vida. Só assim encontraremos o *repouso do Sábado*, que para nós herdeiros dos seis dias parodiados, se tornou um dia de permanente *inquietação*.

Referências

[1] Agostinho de Hipona. *As Confissões* e *A Cidade de Deus*. Obras que fundamentam a visão teológica e metafísica da criação e da história na tradição cristã ocidental.

[2] Tuchman, Barbara W. *Um Espelho Distante: O Terrível Século XIV*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

[3] Maquiavel, Nicolau. *O Príncipe*. A obra clássica que separa a política da moral tradicional.

[4] Mirandola, Giovanni Pico della. *Oração sobre a Dignidade do Homem*. Um texto fundamental do humanismo renascentista.